

PADRE JOSÉ PESSINA

FALECIDO A 19-4-1916 A 33 ANOS

Desta figura de Padre missionário arrebatado tão cedo pela morte quando estava nos 33 anos de idade, conservamos no arquivo duas belas cartas, nítidas na letra e muito mais nos sentimentos, e três publicações que, apesar de pequenas, foram fundamentais no trabalho apostólico da evangelização dos Bororos.

José Pessina, filho de Natal e de Emilia De Marchis, nasceu a Guazzolo-Casale Monferrato (Prov. de Alessandria-Itália) a 8 de outubro de 1883 e sentindo-se chamado à carreira eclesiástica, entrou no Seminário Menor de Casale onde cursou os 5 anos ginásiais com êxito brilhante. Conserva-se no arquivo o atestado de encômio que o Reitor do Seminário lhe enviou, pelo bom comportamento e pela inteligência aliada à aplicação, quando o jovem José Pessina pediu para entrar na Congregação Salesiana. Já tinha vestido a batina no Seminário pelas mãos do Exmo. D. Paulo Barone, Bispo Diocesano de Casale, a 13 de novembro de 1898; após os cinco cursos ginásiais entrou, em setembro de 1902, na nossa casa de Ivrea para o 2.º ano de filosofia. Nos últimos meses do ano letivo acentuou-se a fraquesa dos pulmões que o obrigou a várias exceções na vida comum. Todavia foi aceito no Noviciado de Lombriasco onde entrou a 3 de outubro de 1903 encontrando, como companheiros de Noviciado e de ideal missionário, Teodoro Bulla, Antonio Franco, e Bortolo Poli que partiram todos para as missões de Mato Grosso deixando aqui grata e saudosa lembrança em quantos os conheceram.

Da mesma forma salu em 1908 o pequeno catecismo de bolso, de vinte e poucas páginas bilingue, entrelaçando-se alternadamente perguntas e respostas em português e bororo. Mais tarde, em 1919, do Catecismo saíra pela tipografia Calháo e Filho de Culabá, uma edição muito mais ampla de 135 páginas, ainda em formato de bolso, também esta bilingue, bororo à esquerda e português à direita, contendo as verdades principais da fé e um tratado popular em perguntas e respostas, sobre os Sacramentos e Mandamentos de Deus e da Igreja.

Era necessário dizer tudo isto para que também os pósteros saibam quanto custou apoderar-se da língua para alcançar a conversão dos índios: fides ex auditu. Agora que se encerra o capítulo da evangelização dos Bororos e estamos iniciando o outro, mais falado e mais conhecido dos Xavantes, quem nos dará as chaves da nova língua? Oxalá a Providência nos mande outro Pessina!

Depois dos anos de tirocínio, chegou para o Cl. Pessina o tempo da teologia; recolheu-se para isto na casa de Coxipó e aí o encontramos de 1911 até à ordenação sacerdotal. O pedido para ser admitido às ordens, trespasa ainda nas suas linhas esteticamente calligráficas, a beleza dos seus sentimentos e revela o ansêio da alma. "Vengo a chiederle umilmente il favore di volermi ammettere agli Ordini Minori ai quali indegnamente sospiro. Non sono già le mie molte imperfezioni che mi danno ardire a questa domanda, sibbene la Divina Misericordia ed il cuore paterno che credo di trovare nel mio amato Superiore". — Palavras e sentimentos admiráveis de um apóstolo e missionário! Como para outros, também para Pessina, as ordens caíram em poucos meses como uma cascata que se reversa improvisa das comportas abertas: 13, 20,

e 27 de setembro de 1914 são as datas respectivas das ordens maiores e do sacerdócio conferido-lhe pelas mãos do Exmo. D. Carlos de Amour, Arcebispo de Culabá.

Ninguém estranhava que ele fôsse doente, conhecendo a longínqua origem da doença, mas admiravam que resistisse tanto ao mal. Ele atribuía essa resistência a uma proteção especial de Nossa Senhora, carregando sempre consigo um vidrinho de água de Lourdes, delicado presente do Exmo. Sr. D. Malan e da qual ele se servia nos momentos mais críticos.

Foi destinado a Sangradouro, para o ministério sacerdotal, mas em toda a parte e em todos os trabalhos não se deixava de revelar, sempre mais insistente o antigo mal, da fraqueza pulmonar, mal clássico, definido no início deste século "il mal che non perdona".

Depois de Sangradouro, em 1916, encontramos o Pe. Pessina na Colônia Imaculada do Araci, (Rio das Garças), foi esta a última etapa de sua breve existência. A doença agravou-se, e na 4.^a feira santa, 19 de abril daquele ano de 1916, deixou a terra. Pe. Pessina morreu na brecha, pois ainda nos últimos dias de vida estava em contato com os seus queridos bororos, catequizando e exortando para o bem os mais arredios e obstinados. Estudou-lhes a língua até o último dia. Valendo-se do Pe. Cesar Albisetti como secretário, ditou a tradução em bororo, do Ev. de S. Mateus e a Via Sacra, do Jovem Instruído. Esses originais se conservam no Museu Etnográfico do Colégio D. Bosco em Campo Grande. Era Elias que deixava a sua herança a Eliseu, (Pe. Cesar Albisetti), encaminhando-o no traquejo daquela língua, culminado com o monumento literário "Enciclopédia Bororo".

Glória ao Pe. Pessina que abriu o caminho e glória ao Pe. Albisetti que o percorreu até ao fim.

Estes jovens missionários vieram em 1905 infundir sangue novo e vitalidade nas casas salesianas que estavam surgindo em Mato Grosso: o clima quente, tropical, restaurou as forças do Cl. Pessina que melhorou sensivelmente. Campo providencial de trabalho foi a colônia S. Coração dos Taxos que se considerava célula-mater das missões dos Bororos. Padre Bálzola falava a língua bororo, mas quantas dificuldades ainda, e quantos segredos que se não conheciam. Faltava uma gramática e um dicionário onde os recrutas salesianos pudessem aprender o idioma dos selvícolas e ter contato com os Bororos no ministério sacerdotal.

Pessina foi o primeiro a desembrenhar animoso esse labirinto: com ardor de neófito se lançou no estudo do bororo, anotando dia por dia em contacto imediato com os selvagens, os sons, as palavras, o significado, e codificando depois na ordem lógica o material recolhido. Fruto daqueles sacrifícios de vários anos foram os "Elementos de gramática e Dicionário da língua dos Bororos-Coroados" publicados em 1908 pelas Escolas Profissionais Salesianas de Cuiabá, tendo 47 páginas de gramática e 15 de dicionário. O livro não revelando o nome do autor, se apresenta anônimo sob a indicação simples de Missão Salesiana, mas todos sabem que foi Pessina o autor. Estávamos ainda longe dos trabalhos literários que sobre a língua dos Bororos comporiam mais tarde o P. Antonio Colbacchini com o esplêndido volume "I Bororos Orientali del Mato Grosso" de repercussão mundial no campo filológico, e o P. Cesar Albisetti com a Enciclopédia Bororo na qual está trabalhando desde 1952 e que será a última palavra sobre os costumes, língua, lendas, ritos e tudo mais que diz respeito ao mundo bororo. Mas o marco de partida para a nossa missão de Mato Grosso foi o livro de Pessina.